

A semântica global e a constituição do *ethos* discursivo em práticas discursivas indígenas

letrônica

Adriana Recla*

1 Introdução

A Análise do Discurso tem se destacado na atualidade, pois, apesar de ser ainda bastante jovem, tem apresentado intensa produtividade e grande abertura para o intercâmbio com diversas áreas do conhecimento, graças à produção de pesquisas que investigam cada vez mais temáticas linguísticas em diferentes manifestações da língua. Desse modo, as questões linguísticas em circulação na sociedade contemporânea, à luz da Análise do Discurso, fazem com que observemos que língua, homem e sociedade se entrelaçam e ocupam um lugar fundamental de estudos, dado os fatos linguageiros vivos na nossa sociedade.

Este artigo¹ se pauta sobre a questão que incide sobre os planos da semântica global e a constituição do *ethos* discursivo em discursos de práticas culturais cotidianas vivenciados pela população indígena tupiniquim de Pau-Brasil, localizada em Aracruz-ES. O objetivo é examinar, no discurso *A mulher e a cobra*, as dimensões da semântica global, no intuito de desvelar com mais precisão a constituição do *ethos* discursivo no funcionamento desta prática discursiva.

O discurso selecionado para análise está registrado na coletânea “Os Tupinikim e Guarani contam...”, organizada por Edivanda Mugrabi, em 2005. A obra conta histórias cotidianas, vivenciadas por indígenas, que resgatam aspectos das preocupações e parte da história daquela população. Cabe explicitarmos que todos os textos da obra foram recolhidos oralmente, editados pelos próprios educadores indígenas da aldeia Pau-Brasil e, em seguida, publicados para fins didáticos, com o propósito de preservar a própria história da comunidade.

* Doutoranda em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), bolsista CAPES; Professora Adjunta de Língua Portuguesa e Supervisora de Extensão e Educação Continuada da Faculdade de Aracruz, no estado do Espírito Santo (FAACZ-ES). E-mail: arecla@gmail.com

¹ Neste trabalho ampliamos nosso referencial teórico, considerando a integração dos planos da semântica global. A análise que faz parte deste trabalho foi originalmente publicada em: RECLA, Adriana. *Análise do discurso: cenografia e Ethos no discurso indígena*. Congresso Internacional da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

Justificamos a realização deste trabalho pelo fato de termos observado que os discursos produzidos pelos indígenas de Pau-Brasil, cuja veiculação não se encontra em livros didáticos, jornais famosos, mas em uma edição própria, são uma esfera discursiva vasta e relevante e que, por meio deles, seria possível verificar se o enunciador reflete o sujeito empírico. Ademais, valorizar as múltiplas possibilidades de práticas discursivas que podem emergir nesse contexto apresenta-se como esforço para rememorar as práticas discursivas desse povo.

É no interior de práticas culturais do cotidiano e pelo uso de certas estratégias e mecanismos que os discursos afloram. Isso revela que as manifestações discursivas da sociedade se concretizam na construção de diferentes imagens culturais instituídas a partir de um determinado lugar social por meio da materialização discursiva.

Para o alcance do objetivo proposto, tomamos como referencial teórico a Análise do Discurso de linha francesa (AD, doravante), de modo particular, nas perspectivas que vem sendo propostas por Maingueneau. A perspectiva com a qual Maingueneau (2005b) trabalha em relação à AD se caracteriza por considerar a prática discursiva em suas múltiplas dimensões, partindo do princípio da semântica global.

Privilegiamos, desse modo, a noção de semântica global por compreendermos que não há mais lugar para a distinção entre *superfície* e *profundez*a de natureza discursiva, entendendo que todas as dimensões estariam imbricadas (o vocabulário, a intertextualidade, o tema, o estatuto do enunciador e do co-enunciador, a dêixis discursiva, o modo de enunciação, o modo de coesão).

Para fundamentar a análise do discurso indígena selecionado, apresentaremos alguns dados teórico-metodológicos e buscaremos conhecer, por meio de recursos linguístico-discursivos, como a população indígena tematiza por meio de discursos seu cotidiano, seus costumes e suas tradições, bem como sua maneira de construir sua mundividência, visto que eles facilitam ou mesmo condicionam o estabelecimento de formas de desvelamento de dados constitutivos de sua tradição e de sua história que nos induzem a construir uma imagem (*ethos* discursivo) desse povo.

Consideraremos, assim, em especial, a categoria *ethos* discursivo. Neste trabalho, vamos tomá-lo como construção discursiva do enunciador a partir de características linguísticas e sociais. Nesse sentido, *ethos* discursivo aparece como categoria interativa que se constrói na instância enunciativa, no momento em que o enunciador toma a palavra e se mostra por meio de seu discurso. Justificamos a escolha do *ethos* discursivo como categoria de análise por entendermos que ela é capaz de oferecer uma multiplicidade de atos interpretativos ao discurso **Letrônica**, Porto Alegre v.5, n. 2, p.22, jun./2012.

escolhido, o qual é construído por diferentes estratégias. Essa categoria está crucialmente ligada ao ato de enunciação e prevê a construção de uma imagem projetada no discurso, pois ela é constitutiva desse discurso, integra a enunciação e não um saber extradiscursivo sobre o enunciador.

Para entendermos o discurso como prática discursiva, faz-se necessário também compreender o que é texto, percebendo que ele é a apreensão do enunciado como um todo, constituinte de uma totalidade coerente que perdura, circula distante de seu contexto original. Assim, o texto nada mais é do que um objeto discursivo, ou seja, uma unidade em que o discurso se materializa, em que podemos encontrar uma diversidade de vozes. Maingueneau (2004, p. 85) afirma que “um texto não é um conjunto de signos inertes, mas o rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada”. É, assim, a materialização do discurso. Por isso, a AD se interessa pela globalidade textual, o modo como a discursividade se constitui e como se dão as relações interdiscursivas.

Concebemos, assim, o discurso indígena como uma prática discursiva regida por uma semântica global, por meio da qual os vários planos do discurso se articulam e se estruturam. Para tanto, o discurso indígena não é pensado apenas como um conjunto de textos, mas como um espaço de regularidades enunciativas em que os planos da semântica global merecem destaque. Além disso, o discurso não resulta da junção de um fundo e de uma forma, ele está inscrito em uma configuração sócio-histórica, não podendo ser dissociado da organização de seus conteúdos e do modo de legitimação de sua cena enunciativa.

Nesse sentido, um estudo que se funda sobre a perspectiva de uma semântica global e a constituição do *ethos* em práticas discursivas indígenas deverá considerar sua globalidade, recorrendo-se a uma análise em que a significância discursiva é concebida em conjunto.

Por fim, esse estudo se justifica pelo fato de o discurso ser revelador de componentes significativos do contexto histórico-social, na medida em que por ele se torna possível reconstruir aspectos da língua, do homem e da sociedade. Como prática social, o discurso indígena materializa a cultura, a história, as relações de interação e de intercâmbio, o sistema de valores indígenas, ao mesmo tempo em que desvela o mundo que os envolvem, explica e compreende o próprio contexto, registrando o estado atual de aspectos culturais dessa população.

2 A população indígena tupiniquin da aldeia Pau-Brasil e sua prática discursiva

Os tupiniquins, no Espírito Santo, habitam o município de Aracruz na região norte do estado e estão distribuídos em quatro aldeias: Caeiras Velhas, Pau-Brasil, Irajá e Comboios, com aproximadamente 2.000 habitantes. Os indígenas dessas aldeias são descendentes do povo tupiniquim, os quais possivelmente habitavam o litoral brasileiro, quando da chegada dos portugueses ao Brasil.

Localizada a 31 km da sede de Aracruz, a aldeia Pau-Brasil possui atualmente cerca de 400 habitantes, os quais sobrevivem da agricultura, por meio da comercialização de produtos e do artesanato, que é uma maneira de reafirmação de sua cultura. A história desse povo é marcada pelo direito à posse de suas terras, pois, no início da década de 60, houve a expulsão de muitos índios da região e a destruição de antigas aldeias.

De acordo com os dados históricos do município de Aracruz, as aldeias indígenas tupiniquins eram constituídas por famílias numerosas que progressivamente eram estendidas e subdivididas pela agregação de outros parentes e afins. Esses povos não possuíam nenhuma preocupação com a posse da terra, o que ocasionava a liberdade de ação e locomoção de cada grupo familiar tupiniquim. Além do mais, o povo tupiniquim dependia basicamente da pesca, da caça, da agricultura e da coleta, com sua subsistência ligada à natureza.

Diante desse histórico, também é relevante destacar que a questão da luta pela terra trouxe uma profunda relação com a educação diferenciada dos tupiniquins, que conta, ainda hoje, com professores indígenas atuando nas escolas da aldeia. A formação dos educadores indígenas, desde 1994, permite que eles assumam a educação nas aldeias, utilizando o currículo escolar como uma possibilidade de garantia e manutenção da cultura.

Os discursos desse povo carregam a marca dos indígenas tupiniquins da aldeia Pau-Brasil, tematizam seu cotidiano, seus costumes e suas tradições, bem como sua maneira de construir mundos discursivos. Por isso, de certa forma, representam o mundo que os envolve, explicando e compreendendo o seu próprio contexto, registrando o estado atual de aspectos culturais.

Por meio de discursos próprios, com espaços conflituosos, nos quais cada “posicionamento” se define em relação a outros, os indígenas recapitulam experiências passadas e materializam-nas linguisticamente. Por isso, seus discursos não servem apenas para contar,

expressar eventos que ocorrem, mas servem para apontar formas de desvelamento de dados constitutivos de identidade dessa população.

3 Os planos da semântica global

O princípio da semântica global proposto por Maingueneau traz para a AD a possibilidade de realizar uma análise mais profunda e integrada, uma vez que neste princípio não há privilégio de um plano do discurso sobre o outro, mas todo o conjunto dos planos discursivos está integrado e deriva dos mesmos fundamentos.

Compreendemos as dimensões da semântica global, à luz da AD, nas perspectivas de Maingueneau, como um modelo teórico-metodológico capaz de integrar, na análise, as suas várias dimensões, entre elas o vocabulário, a intertextualidade, o tema, o estatuto do enunciador e do co-enunciador, a dêixis discursiva, o modo de enunciação, a coesão e o *ethos* discursivo. Essas dimensões operam tanto na ordem do enunciado e da materialidade linguística quanto da enunciação e das condições sócio-históricas de produção da prática discursiva. Desse modo, centrar-se apenas no estatuto do enunciador e do co-enunciador, por exemplo, sem considerar a globalidade dos discursos, poder-se-ia incidir em uma análise limitada, reducionista.

Como podemos observar, embora opere com conceitos da Linguística, a AD não se limita apenas a um estudo linguístico. Ela traz uma significativa contribuição ao estudo dos enunciados, dado que não os separa de sua materialidade linguística, nem de suas condições de produção, abrindo-se à interdisciplinaridade. Para a AD, o que determina a produção de sentidos é o contexto em que os discursos são produzidos. Para o autor, um discurso só poderá ser apreendido por meio de uma semântica global que sustente todas as dimensões, concebidas como centrais no e para o discurso.

A semântica global apreende, ao mesmo tempo, os diferentes planos discursivos desse discurso, integrando tanto o vocabulário quanto os temas tratados, o *ethos* discursivo, a intertextualidade, as instâncias de enunciação. Não há um plano do discurso que seja central; todos os que o constituem derivam dos mesmos fundamentos. Ademais, os discursos não partem de um único, mas de vários lugares enunciativos. Essa rede interdiscursiva instaura, pois, posições enunciativas, a partir das quais é possível entender, no funcionamento do discurso proferido por sujeitos da aldeia tupiniquim de Pau-Brasil, aspectos culturais da história dessa população.

Assim sendo, poderemos verificar, por intermédio da semântica global, que os efeitos de sentido são construídos no discurso, o qual, por sua vez, se torna produtor de experiências de vida, viabiliza o acesso a visões de mundo e a histórias de vida da população indígena graças aos recursos linguístico-discursivos.

4 Sobre a noção de *ethos discursivo*

Maingueneau (2005b) integra a noção de *ethos* à semântica global, como uma das dimensões do discurso. O enunciador deve se conferir e conferir a seu co-enunciador, certo *status* para legitimar seu dizer: ele se outorga, no discurso, a uma posição institucional e marca sua relação com um saber. O processo de adesão de sujeitos a certa posição discursiva promovido pela noção de *ethos* é tanto perceptível em áreas inscritas em situação de adesão como é o caso da filosofia, da política etc., quanto em gêneros ditos como funcionais e/ou neutros.

Maingueneau (1993), ao reinterpretar a noção de *ethos*, amplia os estudos elaborados pela Retórica ao reformular a noção em um quadro da AD, dando-lhe uma nova roupagem. Para isto, deslocou-a para o campo do discurso, revestindo-a de uma voz e uma corporalidade², na cena enunciativa, postulando que toda fala procede de um enunciador, além de tratar da noção de adesão dos sujeitos a um determinado discurso.

Partimos da proposta de que todo discurso pressupõe uma cena enunciativa, que é a base para que o discurso possa ser enunciado. Desse modo, Maingueneau (2006a) esclarece que a enunciação cria cenas, onde as partes interessadas naquilo que veicula o discurso negociam um espaço e um tempo, por meio de construções textuais próprias, com objetivos e público-alvo também próprios. Essas cenas são: a cena englobante, que corresponde ao tipo de discurso a que o texto pertence e é a que nos situa para interpretarmos o discurso do indígena; a cena genérica, que está ligada a um gênero, a uma “instituição discursiva”, e, por último, a cenografia, a qual não é imposta pelo tipo ou pelo gênero de discurso, mas é construída pelo próprio discurso.

A cenografia define as condições de enunciador e co-enunciador, bem como o espaço (topografia) e o tempo (cronografia), a partir dos quais se desenvolve a enunciação. Além disso, a caracterização da cenografia ocorre por indícios de vários tipos, entre eles o próprio texto que a

² A noção de *corporalidade* deve ser compreendida como uma certa maneira de ‘habitar’ o corpo de enunciador e, indiretamente, de um co-enunciador (MAINGUENEAU, 2005a).

torna possível e as indicações paratextuais (um título, a menção a um gênero, entre outros). Não é simplesmente um quadro, um cenário, como se o discurso aparecesse inesperadamente no interior de um espaço já construído e independente dele. Ela implica um processo de enlaçamento paradoxal, na medida em que é, ao mesmo tempo, a fonte do discurso e aquilo que ele engendra. Ademais, pode apoiar-se em cenas de fala já instaladas na memória coletiva, ou seja, no universo do saber e de valores públicos validados.

Como podemos observar, há uma estreita relação entre cenografia e *ethos*. Isto porque a enunciação estabelece com o co-enunciador um modo de comunicação considerado como participando do mundo evocado pelo texto. Nesta perspectiva, o *ethos* está ligado a uma cena enunciativa, na qual o co-enunciador se inscreve.

Para Maingueneau, a noção discursiva de *ethos* associa-se a um gênero de discurso, uma vez que o pertencimento de um texto a um posicionamento ou a um algum gênero de discurso permite ao co-enunciador elaborar expectativas em termos de *ethos*. Embora seja uma noção intuitiva, é evidente a percepção de que o enunciador exija do co-enunciador que ele perceba, por indícios textuais, uma imagem dele no discurso.

O *ethos* discursivo, como categoria interativa, não está ligado apenas ao enunciador, à imagem que este reivindica para si próprio. Sendo a imagem do enunciador criada e recriada pelos co-enunciadores, por intermédio de processos de estereotipização, os quais podem ou não ser confirmados pelo processo discursivo, o *ethos* carregará a dimensão do “outro” discursivo.

A noção de *ethos* discursivo aqui proposta abarca, portanto, todo tipo de texto, tanto os orais quanto os escritos. O texto escrito tem uma vocalidade que pode se manifestar numa multiplicidade de “tons”. É o tom que dá autoridade ao que é dito, permitindo ao co-enunciador construir uma representação do *corpo* do enunciador. Emerge, assim, com a leitura, uma instância subjetiva que desempenha o papel de fiador do que é dito, concebido como a imagem construída pelo co-enunciador por meio de indícios de várias ordens, investindo-o também de um caráter, um tom e uma corporalidade.

Além disso, o caráter e a corporalidade do fiador provêm de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas sobre as quais a enunciação se apoia, podendo modificá-las ou confirmá-las. Assim, é por meio do próprio enunciado que o fiador legitima sua maneira de dizer, dado que a qualidade do *ethos* remete à imagem deste “fiador”.

Nessa perspectiva, os conteúdos dos enunciados não seriam independentes da cena de enunciação. É nesse sentido que Maingueneau se afasta da concepção de *ethos* como **Letrônica**, Porto Alegre v.5, n. 2, p.27, jun./2012.

procedimento ou como estratégia, pois o fiador legitima sua maneira de dizer por seu próprio enunciado, e a cena de enunciação é, ao mesmo tempo e paradoxalmente,

[...] aquela de onde o discurso vem e aquela que ele engendra; ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer que essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar [...] São os conteúdos desenvolvidos pelo discurso que permitem especificar e validar a própria cena e o próprio ethos, pelos quais esses conteúdos surgem. (MAINGUENEAU, 2005a, p.77-78)

Maingueneau (2005a) denomina a ação do *ethos* sobre o co-enunciador de incorporação, isto é, “a maneira pela qual o co-enunciador se relaciona ao ethos do discurso”. O co-enunciador incorpora uma imagem com base nos indícios linguísticos fornecidos pelo enunciador, tendo-se, assim, o *ethos* construído. Trata-se de uma noção que se modula em função dos gêneros e dos tipos de discurso.

Entendendo o discurso como o espaço em que o *ethos* discursivo é constituído e desenvolvido, podemos dizer que estamos dentro do mundo discursivo, em que o discurso encena a própria atividade. Segundo Maingueneau, o *ethos* é uma dimensão da cena de enunciação e sua abordagem é uma maneira de levar em conta uma dimensão psicofísica sobre quem fala no discurso, pois ao se falar, constrói-se uma imagem de si. Daí, não podermos tomá-lo como categoria autônoma de análise, sendo ele, na verdade, um autorretrato discursivo.

5 Análise do corpus

Para a análise, recortamos como critérios os mecanismos linguístico-discursivos de que o enunciador lança mão para legitimar o discurso, privilegiando os planos da semântica global (o vocabulário, a intertextualidade, o tema, o estatuto do enunciador e do co-enunciador, a dêixis discursiva, o modo de enunciação, o modo de coesão) para desvelar a constituição do *ethos* discursivo.

Segue a transcrição do discurso *A mulher e a Cobra*, que será analisado:

Na aldeia de Pau-Brasil, próximo ao rio Guaxindiba morava um casal: Mané Guinelo e Graça. Graça se encontrava próximo aos dias de dar à luz.

Certo dia, ela amanheceu sentindo muitas dores e pediu ao marido para chamar a parteira porque havia chegado o grande momento. Graça deu à luz a um forte menino.

Passados alguns dias, Graça e o seu filho começaram a ficar com uma aparência amarelada. Então, Mané Guinelo, preocupado com o que estava acontecendo, passava a noite muito pensativo a olhar para a sua esposa e seu filho.

Um dia, Mané Guinelo percebeu algo muito estranho embaixo da cama. Cuidadosamente, abaixou-se e viu que era uma cobra em forma de rúdia. Desconfiado com aquela cobra, Mané resolveu passar a noite acordado para vigiar o que iria acontecer. No meio da noite, Graça sempre amamentava seu filho ao mesmo tempo em que dormia. Naquela noite, o que viu Mané Guinelo foi aterrador. Uma cobra que se encontrava embaixo da cama da Graça, atraída pelo cheiro do leite, rastejava ligeiramente até Graça e seu filho, retirava a criança do seio da mãe, colocava a extremidade de sua calda na boca da criança e ela se amamentava no seio da mulher. Foi assim que Mané Guinelo descobriu que era a cobra que estava deixando sua esposa e seu filho com aquela aparência amarelada. Ele pensou que a única solução seria matar a cobra. Não podendo matá-la naquele instante, esperou a cobra se retirar.

Amanheceu, a cobra voltou para o mesmo local onde costumava ficar para dormir. Aproveitando o momento certo, Mané Guinelo matou a cobra com várias pauladas, e de suas feridas jorrava leite.

Após ter matado a cobra, nada mais aconteceu. Graça e seu filho tomaram remédio para se fortalecerem, não chegando assim a morrerem. Mas Graça e Mané Guinelo se desgostaram do lugar por aquelas lembranças e então resolveram partir. (MUGRABI, 2005, p. 179-180)

Contada por Genira Pinto dos Santos (60 anos) e escrita por Keila e Marideia e Revisada por Educadores de Pau-Brasil.

Nesse relato, o próprio texto torna possível a dualidade mulher *versus* cobra, sugerido no título. Nos recortes abaixo, a cenografia é caracterizada por diversos indícios, entre eles o texto, o conhecimento do gênero relato, o título, o conteúdo enunciado que é legitimado pela própria aldeia, a escolha das marcas linguísticas, os níveis da língua, os quais colaboram no desvelamento da cenografia empreendida, e, por conseguinte, com a constituição do *ethos* discursivo. Quanto à topografia, ela remete a dois espaços: a aldeia Pau-Brasil e um novo espaço não explicitado no texto.

Vejamos o primeiro recorte:

Na aldeia de Pau-Brasil, próximo ao rio Guaxindiba morava um casal: Mané Guinelo e Graça. Graça se encontrava próximo aos dias de dar à luz. (MUGRABI, 2005, p. 179)

Já no primeiro recorte, o enunciador, em terceira pessoa, apresenta o espaço, a aldeia Pau-Brasil, e, em seguida, os protagonistas: o casal Mané Guinelo e Graça. O relato começa enredando o co-enunciador a um lugar materializado nos dêiticos espaciais “Na aldeia de Pau-Brasil, próximo ao rio Guaxindiba”, situando a topografia na cena enunciativa e criando uma cena narrativa que se constrói em um lar indígena, em que a esposa está prestes a ter o primeiro filho (cena validada na memória coletiva).

O texto chega ao co-enunciador por meio de sua cenografia e não de sua cena englobante ou sua cena genérica. Ainda nesse recorte, a instância enunciativa que dá voz e corporalidade a Mané tece uma imagem discursiva do *ethos* indígena dando-lhe um nome não comum na

comunidade indígena: Mané. Temos, então, um apagamento da identidade do índio, dada a escolha de um nome de origem portuguesa. O enunciador encerra o parágrafo com a informação explícita e capital na história: a gravidez de Graça.

Certo dia, ela amanheceu sentindo muitas dores e pediu ao marido para chamar a parteira porque havia chegado o grande momento. Graça deu à luz a um forte menino. (MUGRABI, 2005, p. 179)

Nesse recorte, o enunciador apresenta o fato do nascimento da criança com o uso da marca de tempo *Certo dia* que insinua a inexatidão da data do nascimento. A marca linguística *nascimento* no texto é referenciada como *o grande momento, dar à luz*. A cena enunciativa constrói-se, aqui, em torno do nascimento e do papel paterno naquele momento. Na cena construída, a mulher é apresentada como esposa, necessitada de cuidados em decorrência da gravidez e o filho, como *forte*, possivelmente em referência ao indígena de Pau-Brasil.

Passados alguns dias, Graça e o seu filho começaram a ficar com uma aparência amarelada. Então, Mané Guinelo, preocupado com o que estava acontecendo, passava a noite a olhar para a sua esposa e seu filho. (MUGRABI, 2005, p.179)

É nesse recorte que se inicia o conflito, um dos elementos que constitui esse relato; a aparência amarelada estabelece novos rumos à história. Observa-se, nesse momento de tensão, a responsabilidade que recai sobre o homem “Mané”. A constituição do *ethos* discursivo do enunciador dá-se em função do caráter - esposo fiel e marido preocupado - e da corporalidade que corresponde não só a uma compleição corporal de Mané, mas também a sua maneira de se movimentar no espaço apresentado. Isso ocorre em virtude das representações sociais valorizadas, isto é, do estereótipo da proteção paterna sobre a família, instalados em nossa memória. As marcas linguísticas - *preocupado; muito pensativo; passava a noite a olhar* - trazem à tona essa imagem sobre a qual se apoia a enunciação que pode vir a confirmá-la ou não, revelando um *ethos* de enunciador preocupado. Assim, a cenografia apresentada constrói a imagem de Mané como esposo e pai atento, preocupado. Note-se que isso não aparece explicitamente no enunciado, o enunciador não diz eu sou isto, eu sou aquilo, sua imagem é construída na e pela enunciação do enunciador.

Um dia, Mané Guinelo percebeu algo muito estranho embaixo da cama. Cuidadosamente, abaixou-se e viu que era uma cobra em forma de rúdia. Desconfiado com aquela cobra, Mané resolveu passar a noite acordado para vigiar o que iria acontecer. No meio da noite, Graça sempre amamentava seu filho ao mesmo tempo em que dormia. Naquela noite, o que viu Mané Guinelo foi aterrador. Uma cobra que se encontrava embaixo da cama da Graça, atraída pelo

cheiro do leite, rastejava ligeiramente até Graça e seu filho, retirava a criança do seio da mãe, colocava a extremidade de sua calda na boca da criança e ela se amamentava no seio da mulher. (MUGRABI, 2005, p. 179)

Com base nos enunciados desse recorte, o enunciador apresenta a percepção de Mané de que algo estranho estava acontecendo e, a seguir, a descoberta do fato. À medida que a voz do enunciador explicita as atitudes de Mané, delinea-se no discurso um tom cuidadoso e desconfiado reforçado nas marcas linguísticas *percebeu algo muito estranho; cuidadosamente; desconfiado; vigiar*. A sequência do relato conta com várias marcas de tempo: *Um dia; No meio da noite; Naquela noite*. Temos, por meio das duas últimas marcas, a explicitação de que o fato acontecia sempre à noite, marcando a cronografia no fio discursivo.

A cenografia criada acrescenta ao caráter do enunciador o *ethos* de atento, atestado pelo tom discursivo de desconfiança, de incômodo. Assim, Mané espelha o indígena de Pau-Brasil, ao ser apresentado como observador, atento e prevenido. Esses elementos constituem a cenografia que se desenrola na enunciação, auxiliando na compreensão do modo como se dá a constituição do *ethos* discursivo nesse relato.

Foi assim que Mané Guinelo descobriu que era a cobra que estava deixando sua esposa e seu filho com aquela aparência amarelada. Ele pensou que a única solução seria matar a cobra. Não podendo matá-la naquele instante, esperou a cobra se retirar. (MUGRABI, 2005, p.179-180)

Em seguida, nesse recorte, o relato aproxima-se do clímax e do desfecho. A descoberta leva o indígena Mané a tomar uma decisão - matar a cobra - o que significa tomar atitude, restabelecer sua posição de esposo, cometer um ato de vingança, dada a descoberta de que era a cobra que deixava esposa e filho com aparência amarela. Ao encontrar a solução para a situação, o enunciador materializa a imagem de enunciador colérico, intrépido, o qual não permite que a cobra continue ocupando aquele espaço, o de pai.

Instaura-se no discurso o tom desconfiado e, por conseguinte, a cenografia engendra um *ethos* de enunciador atento, desconfiado e destemido, correspondente à imagem do índio tupiniquim. O lugar atestado pela enunciação para o índio tupiniquim é o de esposo e representante dos machos da comunidade. Temos ainda nesse recorte a referência ao enunciado que se dá por meio da marca de tempo *naquele instante*. Nesse recorte, as marcas de repetição da palavra “cobra” representam possivelmente uma estratégia do enunciador para intensificar a presença da cobra.

Amanheceu, a cobra voltou para o mesmo local onde costumava ficar para dormir. Aproveitando o momento certo, Mané Guinelo matou a cobra com várias pauladas, e de suas feridas jorrava leite”. Após ter matado a cobra, nada mais aconteceu. Graça e seu filho tomaram remédio para se fortalecerem, não chegando assim a morrerem. Mas Graça e Mané Guinelo se desgostaram do lugar por aquelas lembranças e então resolveram partir. (MUGRABI, 2005, p. 180)

Nos últimos recortes, o enunciador apresenta o desfecho da história relatada, enfatizando que o índio Mané agiu no “momento certo”. A cenografia nesse recorte é a de um casal indígena que deixa a aldeia por desgosto devido a certas lembranças. O tom que emerge do enunciado é o de desconfiança, de segredo, de desgosto enfatizado pela escolha da marca linguística “nada mais aconteceu”. Apesar de a instância enunciativa ser um enunciador em terceira pessoa, a voz do indígena Mané é tecida no texto. Em relação ao tempo criado discursivamente, a cronografia instaura um tempo discursivo do desgosto, do abandono, da distância da aldeia.

A partir da cenografia criada nesse recorte é mostrado outro *ethos* discursivo antagônico ao apresentado inicialmente. O discurso se tece agora pelo tom de violência, de punição, de vingança, de compensação da ofensa devido à situação vivenciada por Mané. São acrescentadas a esse tom uma corporalidade, uma postura de quem está se vingando, verificadas nas marcas linguísticas “Aproveitando o momento certo, Mané Guinelo matou a cobra com várias pauladas” as quais contribuem para essa construção. Nesse caso, o caráter e a corporalidade do fiador provêm do conjunto de representações sociais desvalorizadas, em que esta enunciação está apoiada. O indígena mostra-se como um sujeito que se apraz em vingar-se, que reage às adversidades, capaz de punir e causar a própria desventura.

Materializa-se no discurso, pelas escolhas linguísticas, um *ethos* discursivo de desconfiança, de preocupação do enunciador. No último parágrafo, a afirmação de que “nada mais aconteceu” após Mané ter matado a cobra não se coaduna com a sequência dos fatos e, principalmente, com o desgosto provocado “por aquelas lembranças”. Instaura-se a cenografia da partida, confirmada pelas marcas linguísticas “e eles resolveram partir.” Aliás, o operador mas pode estabelecer a ideia de que algo aconteceu e que, por isso, eles decidiram partir.

O clímax e o desfecho reunidos nos três últimos recortes do relato seguem uma organização já prevista: a de que a cobra sofreria pelo fato de cumprir o seu papel de antagonista. Não é à toa que essa leitura de oposição encontra apoio no título *A mulher e a cobra*, em que uma duela contra a outra. A morte da cobra põe a imagem do índio como impetuoso, o poder do macho na comunidade indígena. A imagem do índio é, por conseguinte, apresentada ao final do texto pelo fiador com um *ethos* discursivo de enunciador impetuoso. Outro aspecto a ser

Letrônica, Porto Alegre v.5, n. 2, p.32, jun./2012.

destacado é do uso na enunciação de determinantes como em “sua esposa e seu filho”, marcando a embreagem no enunciado.

Do ponto de vista discursivo, é preciso reconhecer que o discurso deve ser considerado no bojo de um interdiscurso, já que o primeiro só adquire sentido no universo de outros discursos. Daí a necessidade de relacioná-lo a outros, sabendo-se que cada gênero de discurso tem a sua forma particular de tratar essa multiplicidade de relações interdiscursivas.

Verificamos a presença do interdiscurso nesse episódio, com as devidas ressalvas, com a história bíblica sobre Eva e a serpente, narrada no livro dos *Gênesis*, em que a serpente se insinua para a mulher, oferecendo-lhe o fruto proibido. Nesse recorte, percebemos explicitamente a presença de outro discurso, que se dá por meio da heterogeneidade constitutiva, visto que há o conhecimento por parte do enunciador da simbologia da serpente, utilizada na tradição indígena e que podemos aproximar ao discurso bíblico, cujo conhecimento pelos indígenas decorre da influência dos religiosos que adentraram as aldeias com o intuito de catequização.

Nesse sentido, a aldeia corresponde à oposição entre o aqui (aldeia) e o lá (lugar desconhecido). Com a exposição dos fatos temos, instalada no discurso, uma cenografia que apresenta uma família indígena à espera de um bebê e, ao final, apresenta a cenografia da família indo embora do seu local de origem, devido ao desgosto passado. Nesse sentido, o *ethos* do enunciador é, no início, construído como calmo, e ao final apresenta-se como violento, impetuoso, irascível.

Com os indícios encontrados nos recortes, podemos dizer que ocorre o contraponto entre a visão de indígena pacífico, não violento, cuja representação social é valorizada, e a visão do índio selvagem, concebido como bugre, cuja representação é desvalorizada.

Nesse relato indígena, o enunciador, apesar de não ter presença marcada, encontrada em unidades como eu, me, meu, apresenta-se como membro da aldeia Pau-Brasil por meio da voz do enunciador em 3ª pessoa. Desse modo, é a subjetividade enunciativa que permite ao enunciador enunciar legitimamente.

6 Comentários finais

Verificamos neste trabalho que as práticas discursivas vivenciadas por sujeitos indígenas são comuns à esfera discursiva dessa população que, por um lado, expressam pensamentos, experiências e sentimentos e, por outro, fazem declarações e pronunciamentos que identificam o grupo; são, por isso, concebidas como práticas discursivas.

Nesse sentido, o discurso proferido pelos indígenas da aldeia Pau-Brasil faz sentido se forem levados em conta aspectos externos à língua, tais como contexto, condições de produção e mecanismos histórico-sociais, os quais fazem parte de uma abordagem discursiva.

Considerar a globalidade desse discurso, em que o vocabulário, as cenas de enunciação, o gênero discursivo, os recursos coesivos, o *ethos*, o estatuto do enunciador e co-enunciador, os modos de coesão, entre outros, são integrados na análise, torna a análise mais profunda. Significa, portanto, disseminar a especificidade do discurso em suas múltiplas dimensões, sem que uma seja preponderante a outra, sem que se priorize esta ou aquela dimensão, pois estão imbricadas e articuladas às dimensões da semântica global de sua formação discursiva, ou seja, há um sistema de restrições semânticas, uma grade que determina o que vai ser privilegiado, valorizado ou não.

As características apontadas na análise da cenografia e diante das cenas validadas fazem emergir, na enunciação, um *ethos* discursivo. Nessa perspectiva, para chegarmos ao *ethos* discursivo desse relato fez-se necessário encontrar elementos linguísticos que o desvelam no discurso em relação à imagem do índio de Pau-Brasil. Foi preciso, portanto, levar em conta a corporalidade, o caráter e o tom com que a voz enunciativa enuncia, percebendo como o indígena é apresentado. O tom que dá autoridade ao texto permite ao co-enunciador construir uma representação do corpo do enunciador, que não é o corpo empírico. Assim, o *ethos* torna-se eficaz quando, por meio da fala, o fiador constrói uma identidade compatível com o mundo que ele constrói no seu enunciado.

Por fim, destacamos que o discurso de práticas culturais dessa população se constrói sobre as marcas linguísticas e sociais que desvelam a constituição do *ethos* discursivo, de forma a explicitar, no funcionamento do discurso proferido por sujeitos indígenas de Pau-Brasil, aspectos culturais da tradição e da história dessa população. Daí a compreensão e a interpretação dos fenômenos discursivos do ponto de vista linguístico e extralinguístico, uma vez que as

discussões sobre as práticas sociais da contemporaneidade possibilitam-nos refletir sobre os valores e as tensões presentes nos discursos.

Referências

AMOSSY, Ruth. (org.). *A imagem de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas: Pontes & Editora da Unicamp, 1993.

_____. *Análise de textos de comunicação*. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. *Ethos, cenografia, incorporação*. Trad. Sírio Possenti. In: AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005a, pp. 69-92.

_____. *Gênese dos discursos*. Curitiba: Criar, 2005b.

_____. *Cenas da enunciação*. Tradução Maria Cecília Pérez de Souza-e-Silva; Néelson P. da Costa e Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2006a.

_____. *Termos-chave da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2006b.

MOTTA, Ana Raquel & SALGADO, Luciana (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

MUGRABI, Edivanda (org.); *Os tupinikim e guarani contam...* Departamento de Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2.ed., Vitória: 2005.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas; RECLA, Adriana. *A constituição do ethos discursivo do indígena da aldeia Pau-Brasil*. In: Anais – Abralim em Cena Espírito Santo. DA HORA, Dermeval da (Org.). João Pessoa: IDEA, 2009, pp. 573-581.

RECLA, Adriana. *A construção do ethos discursivo no discurso indígena*. In: *Estudos em linguagem e Educação*. SALEM, Khalil (Org.). São Paulo: Fiuza, 2012. (Coletânea Acadêmica de Estudos em Letras e Educação – CAELE), pp. 65-76.

_____. *Análise do discurso: cenografia e ethos no discursivo indígena*. Congresso Internacional da Associação Latino-americana de Estudos do Discurso. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2011.

_____. *A construção da cenografia e a constituição do ethos discursivo em relatos indígenas da aldeia Pau-Brasil*. Saberes Letras. Vitória. v.8, n.1, pp.7-19, set./dez. 2010.

_____. *A constituição do Ethos no discurso indígena da aldeia Pau-Brasil*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. São Paulo. PUC, 2009.

Documentos consultados

EDUCADORES TUPINIKIM. *Resgatando a memória e a tradição tupinikim*. Aracruz, Espírito Santo. 1996.

Processo 1.353/97, fls. 901 apud Relatório do GT Portaria nº 0783/94.

PETRÓLEO BRASILEIRO S.A. *Estudo etnoecológico das terras indígenas do Espírito Santo*. Relatório Final. 2005.

Recebido em abril de 2012.

Aceito em junho de 2012.